

As questões de 21 a 28 referem-se ao Texto 1, de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

TEXTO 1

1 José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, 5 Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja 10 única experiência na vida parece ter sido vender bombons — não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse 15 hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada 20 pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem 25 uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma 30 política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)



O objetivo do autor é

- a) discutir a reportagem de José Leal sobre a chegada de imigrantes ao Brasil.
- b) apoiar a imigração europeia, independentemente da condição social dos imigrantes.
- c) mostrar que o Brasil não precisa de imigrantes sem qualificação profissional.
- d) defender uma política imigratória não necessariamente vinculada a critérios profissionais.**
- e) criticar a legislação brasileira sobre imigração vigente na época.

A questão exige que o candidato identifique o objetivo central do texto que é a defesa de uma política imigratória não necessariamente vinculada aos critérios profissionais como é o proposto em “A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores”, isto é, a questão humana deve ser pensada, para além do aspecto puramente profissional. Assim a **alternativa “d”** é a correta, sendo as demais inválidas por constituírem ideias secundárias no desenvolvimento do texto.



QUESTÃO

22

O autor do texto

- a) destaca a aparência das imigrantes como um fator preponderante para a imigração.
- b) reproduz os nomes dos imigrantes citados na reportagem para atribuir-lhes importância social.
- c) toma como sua expressão “para entulhar as grandes cidades”.
- d) desenvolve os argumentos para sustentar que “é insensato importar gente assim”.
- e) **concorda parcialmente com o repórter José Leal, porém assume um ponto de vista diferente.**

As **letras “a”, “b”, “c” e “d”**, estão incorretas, visto que o autor não ressalta significância à aparência dos imigrantes; o uso dos nomes apenas serve de ilustração da imigração, não lhe atribuindo importância social; o trecho “para entulhar grandes cidades” em marcação com aspas a fim de sinalizar o distanciamento do autor para com a afirmação do repórter e a expressão “é insensato importar gente assim” não constitui a tese do autor. Logo, essas são, respectivamente, as incongruências dos itens supracitados. Por fim, a **letra “e”** está correta, pois confirma o propósito do autor ao usar a reportagem de modo a refutá-la, defendendo, pois, o seu posicionamento, fato exemplificado no início do segundo parágrafo “O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas”.

QUESTÃO

23

De acordo com o texto, Rubem Braga

- I. assevera que os imigrantes qualificados teriam destino promissor no Brasil.
- II. mostra otimismo em relação aos imigrantes sem profissão definida.
- III. apresenta ideias sobre imigração tanto semelhantes como avessas às de José Leal.
- IV. considera que, sem imigração, não haveria algumas das grandes personalidades no Brasil.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) I, II e IV.
- c) II e III.
- d) **II, III e IV.**
- e) III e IV.

Os itens II, III e IV são corretos por apresentarem ideias coerentes com a relação ao texto de Rubem Braga. Assim, o autor considera-se otimista, mesmo ante a ausência de profissão definida, pois estes também podem ser proveitosos ao país (Item II); concorda em parte com a posição do repórter José Leal e depois apresenta a sua própria leitura (Item III); além disso, relativiza a necessidade de escolher os imigrantes por não haver relação entre produtividade e nacionalidade (Item IV). Nesse sentido, o item I é incorreto, uma vez que o autor não é categórico quanto ao aproveitamento de imigração no Brasil. Logo, a alternativa correta é a **letra “e”**.

QUESTÃO

24

No trecho, *Tudo gente para o asfalto*, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter Rubem Braga

- I. retrata o ponto de vista do repórter José Leal.
- II. cita José Leal e, com isso, marca a direção argumentativa do seu texto.
- III. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes deveriam trabalhar apenas no campo.
- IV. concorda com o repórter, segundo o qual os imigrantes são desqualificados por exercerem profissões tipicamente urbanas.

Estão corretas apenas:

- a) **I e II.**
- b) I, II e IV.
- c) I e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

O trecho *Tudo gente para o asfalto*, “para entulhar as grandes cidades” tem como gabarito a **letra “a”**, visto, de fato, expor ponto de vista de José Leal como ratifica o trecho “como diz o repórter” posposto à expressão já apresentada (afirmativa I), assim como marca a direção argumentativa do texto, já que a visão de José, aparente no primeiro parágrafo, será utilizada para circunscrever outro caminho argumentativo como apresentado em “O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas” (afirmativa II). Além disso, as afirmativas III e IV estão equivocadas, pois Rubem Braga não crê ser necessário apenas o trabalho no campo para esses migrantes como expõe em “mas deixemos margem aos inúteis e aos vagabundos”, nem que são desqualificados por exercerem profissões urbanas com exposto em “Mas é preciso de tudo para fazer um mundo”, isto é, todo cargo tem sua importância.

QUESTÃO

25

Assinale a opção em que o termo grifado é conjunção integrante.

- a) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. (Linha 1).
- b) As pessoas que encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. (linhas 2 e 3)
- c) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. (Linhas 7 e 8)
- d) [...] e **que nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio,**[...] (linhas 17 e 18)
- e) [...] o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá,[...] (linhas 28 e 29)

Nas alternativas “a”, “b”, “c” e “e”, o termo “que” tem função de pronome relativo. De modo que, no **item “d”**, tem-se uma oração principal incompleta (“quem nos garante”) a qual recebe como complemento a oração subordinada substantiva (“que uma legislação exemplar...”) iniciada por conjunção integrante.

QUESTÃO

26

Assinale a opção em que a expressão grifada **NÃO** retoma um conteúdo anterior.

- a) O repórter tem razão.(linha 7)
- b) É insensato importar gente assim.(linha 12)
- c) **A humanidade** não vive apenas de carne, alface e motores.(linhas 13 e 14)
- d) Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades;(linhas 17 e 18)
- e) [...] e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou avós vieram para o Brasil como agricultores[...] (linhas 22 e 23)

Somente a **alternativa “c”** apresenta um termo destacado que não retoma conteúdo anteriormente descritivo no texto. Assim, na alternativa “a”, “repórter” retoma José Leal; na “b”, “gente assim” se refere a imigrantes; na “d”, “muitos” alude aos imigrantes em uma função distributiva e, na letra “e”, “seus” faz referência aos homens. Logo, apenas “a humanidade” na **alternativa “c”** consolida uma informação que ainda será discutida.

QUESTÃO

27

De acordo com as normas gramaticais de pontuação,

- I. o travessão na linha 10 serve para realçar uma conclusão do que foi dito anteriormente.
- II. os dois pontos da linha 16 podem ser substituídos por ponto e vírgula.
- III. a vírgula, em “está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe”, linha 29, pode ser excluída.
- IV. o ponto e vírgula da linha 30 pode ser substituído por ponto final.

Estão corretas apenas

- a) I, II e III.
- b) I, III e IV.**
- c) II e III.
- d) II, III e IV.
- e) III e IV.

O gabarito adequado à questão é **alternativa “b”**, haja vista o travessão ser usado como realce da conclusão relativa à expressão “Essa linda costureirinha morena de Badajoz, [...] parece ter sido vender bombons” (item I). Além disso, a vírgula em “está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe” poder ser eliminada, por ter-se, nesse caso, a vírgula anteposta a uma oração aditiva com sujeito similar à assindética (item III). Ademais, o ponto e vírgula, na linha 30, pode ser substituída por ponto final, por a conjunção “mas” ser utilizada, principalmente como enfatizador e não como elemento de ligação entre “materialista” e “deixemos”, podendo, inclusive, ser eliminado. Por fim, os dois pontos em “Eles estão procurando alguma coisa: emigraram” não pode ser trocado por ponto e vírgula, por tratar-se de uma pontuação substituinte à noção de consequência advinda da busca por algo. Vale ainda ressaltar que nessa questão, apesar da sobreposição semântica à gramatical no item II, a questão mais adequada é a **alternativa “b”**.

Assinale a opção em que há metonímia.

- a) gente para o asfalto (linha 5)
- b) plantar cidades (linha 11)
- c) apetite de vida (linha 17)
- d) fazer um mundo (linha 19)
- e) loteria humana (linha 32)

Compreendendo a metonímia como uma relação de substituição de um termo por outro, marcada por uma proximidade semântica, nota-se que há metonímia na expressão “Gente para asfalto” (l. 5), que, no texto, remete à ideia de cidade, em uma relação de substituição. Essa reforçada pela expressão “para entulhar as grandes cidades” (l. 5-6). Observa-se também que as outras expressões “plantar cidades” (l. 11), “apetite de vida” (l. 17), “fazer um mundo” (l. 19) e “loteria humana” (l. 17) apresentam caráter metafórico. Com isso, tem-se como gabarito a **alternativa “a”**.

1 Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de ‘os homens’ e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de piolho”,
5 “sub- homens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência — que Clastres denomina etnocentrismo — eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

10 A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa. sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes e incomuns.

15 Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir — precipitadamente — que o que manifestam. de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

20 Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura. território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” — o ‘biológico’ como “a” origem ou ‘a’ causa — operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1 977)

(VII1AR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) O estrangeiro. São Paulo: Escuta: Fapesp. 1998)

QUESTÃO

29

Assinale a opção que indica o que há de comum nos **Textos 1 e 2** em relação ao assunto.

- a) **A abordagem relativa aos não nativos.**
- b) A serventia dos imigrantes no país de chegada.
- c) O racismo diante dos biotipos diferentes de estrangeiros.
- d) A tentativa de nativos de desqualificarem os estrangeiros.
- e) O medo de nativos de os estrangeiros tomarem seus postos de trabalho.

No que tange ao assunto comum entre os textos, percebe-se a abordagem relativa aos imigrantes, ou seja, aos não nativos. Nas alternativas "b", "c", "d" e "e", os assuntos são peculiares a apenas um dos textos ou a elementos que extrapolam as informações apresentadas. Sendo a **alternativa "a"** a adequada.

QUESTÃO

30

Em relação às estratégias argumentativas, os **Textos 1 e 2** igualmente apresentam

- a) informações ordenadas do geral para o específico como forma de persuasão.
- b) **referências externas para discussão dos respectivos temas.**
- c) comparações de comportamento de grupos sociais.
- d) testemunhos de autoridade.
- e) definições de palavras.

A estratégia comum trabalhada nos textos 1 e 2 é a utilização de referências externas para o desenvolvimento do tema, consoante à **alternativa "b"**. Nesse sentido, não há fluidez da abordagem genérica para específica no texto 1, assim como não se comparam grupos sociais no texto 2. O testemunho de autoridade apenas é usado no texto 2, porquanto a reportagem é citada, mas refutada na argumentação do texto 1 em "O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas". Quanto a definições de palavras, não se trata de estratégia argumentativa de nenhum dos textos.

QUESTÃO

31

No **Texto 2**, pode-se depreender que a xenofobia

- a) é comum entre os primitivos e as crianças, por isso é inata.
- b) tem sempre como fator gerador a aparência diferente dos estrangeiros.
- c) **pode ter níveis diferentes de sofisticação, dependendo do contexto social.**
- d) ocorre apenas em relação aos estrangeiros oriundos de lugares distantes.
- e) é um sentimento incontrolável por parte de pessoas de qualquer cultura, por isso inevitável.

A **alternativa “c”** é a correta, a qual evidencia a xenofobia depreendida pelo texto em diferentes níveis de evolução, a depender do contexto social. Assim, a alternativa “a” naturaliza a existência da xenofobia; a “b” generaliza com o uso da expressão “sempre”; a “d” restringe o preconceito a apenas lugares distantes e a “e” afirma ser um sentimento incontrolável, sendo todas essas invalidadas pelo texto 2.

QUESTÃO

32

Considere o primeiro parágrafo do **Texto 2**(linhas 1 a 5) e a tirinha abaixo



(<http://geografiaetal.blogspot.com.br/2012/04/hagar-o-horrivel.html>)

O par de pronomes que expressa a dicotomia dos conjuntos **tribos navegantes** e **tribos vizinhas/não navegantes** é

- a) eu - você
- b) tu - vós
- c) ele - eles
- d) **nós - eles**
- e) vocês - eles

Ao se observar a tirinha de Hagar, percebe-se claramente a dicotomia entre **tribos navegantes** e **tribos não navegantes** (vizinhas, termo ressaltado pela banca). Tal diferenciação deve ser lida pela negação ligada ao termo navegante e pela postura de Hagar (leitura, portanto, necessária da linguagem não verbal), ao afirmar, categoricamente, a visão correta quanto à subdivisão humana – “dois tipos de pessoas nesse mundo”, levando o leitor à interpretação que Hagar e seu filho pertencem às tribos navegantes e os outros povos às não navegantes. Logo, pressupondo como gabarito a **letra “d”** (nós e eles).

As questões 33 e 34 referem-se aos dois excertos de entrevistas com dois africanos de Guiné-Bissau, que foram universitários no Brasil nos anos 1980.

Excerto 1: Para muitas pessoas, mesmo professores universitários, a África era um país. “Ah, você veio de onde? Da África?” “Sim, da Guiné-Bissau, região da África.” Quer dizer, Guiné-Bissau pra eles é como Brasil, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro.

Excerto 2: Porque a novela passa tudo de bom, o pobre vive bem, né? Mesmo dentro da favela, você vê aquela casa bonitinha, tal. Então tinha uma ideia, eu, pelo menos tinha uma ideia de um Brasil... quer dizer, fantástico!

(Extraídos do curta-metragem Identidades em trânsito, de Daniele Ellery e Márcio Câmara. Disponível em <http://portacurtas.org.br>)

QUESTÃO

33

A visão de alguns brasileiros sobre Guiné-Bissau, segundo um guineense (Excerto 1), assim como a de um outro guineense sobre o Brasil(Excerto 2) é

- a) idealizada.
- b) pessimista.
- c) **equivocada.**
- d) antropocêntrica.
- e) utilitarista.

Há, nos dois excertos apresentados, uma visão **equivocada**, tanto em relação à Guiné-Bissau –“Quer dizer, Guiné-Bissau pra eles é como Brasil, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro” (excerto I)–, quanto em relação ao Brasil –“Então tinha uma ideia, eu, pelo menos tinha uma ideia de um Brasil...quer dizer, fantástico!” (excerto II). Tem-se, pois, a **letra “c”** como gabarito, em I, há a noção geográfica generalizante e, em II, o olvidamento dos conflitos sociais.

QUESTÃO

34

No Excerto 1, a expressão **quer dizer** introduz uma

- a) descrição.
- b) **explicação.**
- c) repetição.
- d) enumeração.
- e) delimitação.

No excerto 1, a expressão “**quer dizer**” introduz uma relação de explicação, portanto, um recurso metalinguístico, conforme apresenta a **alternativa “b”**.

QUESTÃO

35

Em Dom Casmurro, de Machado de Assis, Bentinho toma alguns episódios como evidências da traição de Capitu, dentre os quais NÃO consta

- a) a impressionante semelhança entre Ezequiel, tanto criança como adulto, e Escobar.
- b) o encontro dele com Escobar na porta de sua casa, quando retorna mais cedo do teatro.
- c) o fato de Dona Glória, a mãe dele, começar a mostrar-se fria com a nora e com o neto.
- d) a emoção de Capitu no velório de Escobar, quando ela tenta em vão disfarçar o choro.
- e) **a cena em que ele a vê escrevendo uma carta a Escobar, mas ela diz que está fazendo contas.**

O romance Dom Casmurro, constituído em torno da suposta traição conjugal, funciona como uma espécie de inquérito policial intentado por Bentinho no encaço de Capitu. A partir de um discurso unilateral, autodiegético, o narrador lança mão de uma série de evidências para culpabilizar sua mulher, dentre elas estão:

- a) a semelhança entre Ezequiel e Escobar, fato que, no romance, é reforçado por uma possível infertilidade de Bentinho;
- b) o encontro com Escobar em sua casa quando do episódio do teatro, somado ao fato de que Capitu, que alegara mal estar, demonstra na cena uma vitalidade duvidosa;
- c) no capítulo CXVI do romance, a ausência de D. Glória e a discussão acerca da frieza da mãe de Bentinho para com a nora e o com o neto são justificadas por José Dias remetendo a possíveis ataques reumáticos, mas que funcionam como possíveis suspeitas em relação à Capitu;
- d) a emoção de Capitu durante o velório de Escobar funciona como prova cabal para o narrador.

Somente a **alternativa “e”** não se constitui como elemento para a culpabilidade de Capitu, uma vez que faz referência a uma cena inexistente no romance.

QUESTÃO

36

No romance Senhora, José de Alencar mostra que

- a) o dinheiro e a ambição impedem a realização do amor entre Aurélia e Seixas.
- b) Aurélia, moça de origem pobre, conquistou o amor de Seixas só porque enriqueceu.
- c) **o amor de Aurélia teve força suficiente para regenerar o caráter de Seixas.**
- d) Seixas se regenerou moralmente por si mesmo, independentemente de Aurélia.
- e) o meio social corrompeu de uma vez por todas o caráter de Seixas.

O romance Senhora, de José de Alencar, constitui-se como uma das principais expressões do romance urbano ou de costumes. Nesse sentido, vê-se, na obra, a história de amor de Aurélia e de Seixas, bem como a mercantilização das relações interpessoais no Brasil do século XIX. A crítica social constituída pelo enredo deixa clara a discussão acerca da despersonalização promovida pelo capital, mas que, no entanto, não é suficiente para impedir a realização amorosa dos protagonistas, que, no desfecho da narrativa, pagam tributo ao final feliz romântico (invalidação da alternativa “a”). Muito embora, a narrativa justifique os desvios morais de Seixas, valendo-se do meio, ao caracterizá-lo como um “aleijão social”, vê-se, ao longo do romance, a transformação do personagem (invalidação das alternativas “d” e “e”) que, movido pelo amor e pelo desejo de resgatar a confiança de Aurélia, recobra o seu caráter, fator necessário para retomada do amor anterior ao enriquecimento de Aurélia (invalidação da alternativa “b”). Desta forma, tem-se como resposta a **alternativa “c”**.

QUESTÃO

37

O título do livro *A hora da estrela*, de Clarisse Lispector, diz respeito ao seguinte momento do romance:

- O despertar amoroso de Macabéa no namoro com Olímpico.
- A descoberta de Macabéa de que Olímpico a trata com Glória.
- A obtenção por Macabéa de um bom emprego como datilógrafa.
- A previsão do grande futuro de Macabéa, feita pela cartomante.
- A morte de Macabéa, atropelada por um carro de luxo.**

O título do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, está relacionado – ironicamente – à morte de Macabéa, atropelada pelo Mercedes luxuoso dirigido por um estrangeiro, fato que faz com que a personagem passe da quase invisibilidade social ao momento de “glória”, chamando a atenção pela via da tragédia. *A hora da estrela* é um dos doze títulos que compõem o romance de Clarice e que apontam para um olhar, a um só tempo, irônico e piedoso, acerca da nordestina que protagoniza o texto clariceano.

No romance, o narrador Rodrigo SM assinala:

Acho com alegria que ainda não chegou a hora de estrela de cinema de Macabéa morrer. Pelo menos ainda não consigo adivinhar se lhe acontece o homem louro e estrangeiro. Rezem ela e que todos interrompam o que estão fazendo para soprar-lhe a vida, pois Macabéa está por enquanto solta no acaso como a porta balançando ao vento no infinito. (*A hora da estrela*, Clarice Lispector).

QUESTÃO

38

O poema abaixo, de Manuel Bandeira, pertence ao livro *Lira dos cinqüentanos*.

Velha chácara

A casa era por aqui...
Onde? Procuo-a e não acho.
Ouço uma voz que esqueci:
É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!
(Foram mais de cinquenta anos.)
Tantos que a morte levou!
(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábuas rasas
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...

-Mas o menino ainda existe.

O poema apresenta uma diferença uma diferença entre

- o passado (a infância) e o presente (a velhice) vivido pelo eu lírico.
- um espaço puramente natural (o campo) e outro sociofamiliar(a casa).
- o que é desfeito pelo tempo (a casa) e o que ele não apaga (a lembrança).
- a chácara (espaço ideal) e a cidade (espaço arrasado pela usura).

Estão corretas apenas:

- I, II e III.**
- I, II e IV.
- II e III.
- II, III e IV.
- III e IV.

O poema *Velha chácara* de Manuel Bandeira, em uma composição lírico-memorialística, apresenta um eu que contrapõe dois espaços distintos, aquele desfeito pelo tempo e o que permanece vivo na lembrança do sujeito, presente na afirmativa III. A afirmativa I propõe uma distinção marcada pela distância temporal, o passado (infância) e o presente (velhice), que, mesmo ligados em um processo de coexistência, fato que é evidenciado pelos versos: “Não existe mais a casa.../ —Mas o menino ainda existe”, mantém a dicotomia entre o menino e o velho. A afirmativa II centra-se na relação entre a permanência do elemento natural, campestre, figurado pela presença da voz do “mesmo riacho” e a dissolução do espaço sociofamiliar – “a casa”, destruída pelo tempo. Já a afirmativa IV parte de uma contraposição impertinente, isto é, a chácara como espaço ideal e a cidade como espaço arrasado pela usura. Ainda que o eu lírico faça referência à mudança do espaço, não há elementos no texto que garantam a dicotomia campo e cidade. Assim, observa-se que o gabarito mais adequado à questão é a **alternativa “a”**, em que as afirmações I, II e III estão corretas.

O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.

A voz do canavial

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfolia.

Sobre o poema, é **INCORRETO** afirmar que a descrição

- a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.
- b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana de açúcar.**
- c) destaca o som do vento que passa pela plantação.
- d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.
- e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

A poética de João Cabral de Melo Neto caracteriza-se, dentre outros aspectos, pela apropriação do universo nordestino ressignificado pela exatidão da palavra na construção lírica. No poema, observa-se que a voz do canavial é comparada ao som ruidoso do canto da cigarra, ao barulho do papel quando se amassa, ao dobrar do jornal, perpassando a possibilidade das navalhas das folhas da plantação da cana-de-açúcar. Assim, justificam-se as alternativas “a” “d” e “e”, ancoradas na comparação som das folhas/cigarra, som do canavial/amassar das folhas de papel e navalha/canavial. A presença da sonoridade sibilante (*Voz sem saliva da cigarra/do papel seco que amassa/.../ o folheia, e nele se esfolia*) constitui recurso para presentificar o vento que passa pela plantação, aproximando a constituição fonológica do texto com a materialidade do vento. Dessa forma, a **alternativa “b”** é incorreta, uma vez que a rusticidade não é posta em relevo no poema, que, pelo contrário, apresenta a desmistificação do ambiente rural, empregando, para isso, a associação imagética ao jornal.

QUESTÃO

40

O poema abaixo, de Alice Ruiz, faz parte do livro *Jardim de Haijin*.

passeio no Ibirapuera
uma cerejeira florida
interrompe a conversa

No texto, **NÃO** há

- a) **sentimento de amor pela natureza, exacerbado e de raiz romântica.**
- b) emoção estética despertada pela vegetação naquele que passeia.
- c) descrição de parte da flora que integra o parque do Ibirapuera.
- d) surpresa, durante o passeio pelo parque, causada por uma beleza inesperada.
- e) referência a um local específico, o parque situado na cidade de São Paulo.

O poema de Alice Ruiz apresenta a brevidade e a economia verbal, elementos típicos da produção contemporânea. Em âmbito analítico, o poema apresenta uma cena trivial – um passeio no Ibirapuera entrecortado pela visão de uma cerejeira florida, o que suscita uma “emoção estética” (validação da alternativa “b”), gerada pela beleza que se expõe naquele local específico (validação das alternativas “c”, “d” e “e”). Não há, no poema, um sentimento de amor pela natureza, tampouco exacerbado e de raiz romântica, uma vez que a natureza no Romantismo apresenta-se como desdobramento do estado anímico do eu lírico, como espelhamento do estado de alma do sujeito, o que não procede em relação ao poema de Alice Ruiz. Dessa forma, tem-se como resposta a **alternativa “a”**.

Leia os dois excertos abaixo e observe a reprodução da tela de Tarsila do Amaral, os quais devem servir como subsídio para a escrita de sua redação. Você não precisa citá-los nem mesmo mencioná-los.

Considerando a relação entre os dois excertos, a tela de Tarsila do Amaral e os textos da prova sobre o mesmo tema, redija uma dissertação em prosa, sustentando um ponto de vista.

Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos

O haitiano O. P., de 30 anos, tem dois diplomas de nível superior — psicologia e serviço social — e fala três línguas — francês, espanhol e inglês. Seu conterrâneo, M. L., de 32 anos, tem uma carreira como engenheiro químico e já trabalhou em multinacionais. Há oito meses, eles decidiram trabalhar como operários da linha industrial de abate de suínos em um frigorífico na cidade de Chapecó, no oeste de Santa Catarina. O objetivo é tentar fugir da miséria que assola seu país desde o terremoto que matou 220.000 pessoas — o equivalente a uma Chapecó inteira — e deixou 1,5 milhão de desabrigados há quatro anos. M. L. trabalha oito horas por dia em uma câmara frigorífica em temperaturas negativas. Desacostumado ao frio, ele diz ter sofrido com dores de cabeça diárias quando chegou, mas não desistiu. Nos últimos meses, conseguiu poupar boa parte do salário de 1.500 reais e agora pretende trazer a noiva que vive no Haiti para o Brasil, como fez o colega O. P., que vai se casar até o final do ano. O. P. e M. L. fazem parte de um grupo de 800 haitianos que chegaram a Santa Catarina no ano passado atraídos pela oferta de trabalho, segundo dados da Polícia Federal.

(Veja. online, 02/02/2014, adaptado)

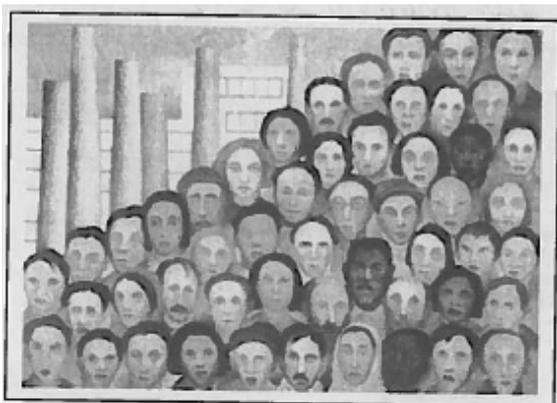
Morar no Brasil é “sonho” internacional

O Brasil é um dos 12 países mais cobiçados para se morar, segundo uma série de pesquisas feitas em 65 nações pelo WIN — coletivo dos principais institutos de pesquisa do mundo — e tabulada pelo Estadão Dados. O crescimento econômico na última década, aliado à boa imagem cultural do País no exterior, fizeram com que o Brasil fosse citado como destino dos sonhos por moradores de dois em cada três países onde foi feito o estudo.

Na lista dos destinos mais cobiçados por quem não está feliz na terra natal, o Brasil é o único da América Latina, o único Bric (grupo formado por Brasil, Rússia, China e Índia) e a única nação ocidental em desenvolvimento. As pesquisas foram feitas no fim do ano passado e ouviram mais de 66 mil pessoas ao redor do globo. Elas foram questionadas se gostariam de morar no exterior se, hipoteticamente, não tivessem

problemas como mudanças ou vistos e qual local elas escolheriam. Por isso, os resultados dizem mais sobre a imagem dos destinos mencionados do que com imigrantes em potencial. Se esse desejo virasse realidade, o Brasil receberia em torno de 78 milhões de imigrantes nesse cenário hipotético. [...]

(O Estado de S. Paulo, online, 11/01/2014)



Operários, 1933, tela de Tarsila do Amaral (1886-1973)

Instruções:

- A redação deve ser feita na folha a ela destinada, respeitando os limites das linhas, com caneta azul ou preta.
- A redação deve obedecer à norma padrão da língua portuguesa.
- Dê um título para sua redação.

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto
- b) coesão e coerência do texto: e
- e) domínio do português padrão.

Comentário da redação:

Ao se observar os excertos motivadores da prova do ITA-2015 – Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos; Morar no Brasil é “sonho” internacional e Operários (além dos textos apresentados ao longo da prova)–, percebe-se a demanda do certame para que o candidato analise a questão da imigração no Brasil. Para tanto, há a exigência da observação acerca da realidade presenciada no país e como pensar a participação, seja cultural, seja econômica desses indivíduos.

Com o objetivo de produzir uma argumentação que abarque a vertente defendida pela banca, é necessário que o aluno consiga explicar sobre as questões não apenas da visão dos brasileiros, mas também dos homens os quais optam pela migração. Ressalta-se, então, a discrepância e o sub-aproveitamento desses homens, como O.P. e M.L (Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos), visto possuírem formação profissional e não a estarem exercendo no Brasil.

Ademais, percebe-se o caráter atrativo do Brasil para os imigrantes como é destacado em “O Brasil é um dos 12 (sic) países mais cobichados para se morar, segundo uma série de pesquisas feitas em 65 (sic) nações pelo WIN” (Morar no Brasil é “sonho” internacional e Operários), fator estimulador da reflexão sobre os motivos impulsionadores para tal postura.

Por fim, é fulcral pensar a ideologia, por vezes xenofóbica, ainda existente relativa aos migrantes e como encarar distintamente a posição desses homens na sociedade tal como proposto por Rubem Braga em “Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria do mundo”. Destarte, faz-se importante analisar para além do senso comum esse tema, evidenciando as potencialidades daqueles que aqui chegam, com suas promessas e seus sonhos.